



A atualidade do jornalismo como forma social de conhecimento: ampliando o rigor intelectual da práxis noticiosa¹

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA²
Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Parintins -AM

RESUMO

O texto apresentado tem como objetivo desvendar as possibilidades do jornalismo enquanto práxis noticiosa voltada à ampliação da compreensão social dos sujeitos. Busca-se, nesse sentido, investigar o papel da formação humana e intelectual dos profissionais como um eixo fundamental da potencialização dessa prática. Por meio de uma operação dialética, rastreamos as dimensões concretas do jornalismo expressas pela corrente marxista, tendo como norteamento a exploração da essência desse fenômeno em tempos de questionamento de sua vitalidade, decorrentes de argumentos que vaticinam sua “explosão” em uma venerada sociedade em rede. Para isso, recorreremos ao clássico estudo “O segredo da pirâmide”, de Genro Filho (2012).

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; práxis; conhecimento

Introdução

Impossível negarmos a mudança pela qual passa o jornalismo com a ampliação da esfera digital no âmbito da comunicação. Transformações tecnológicas, resultantes de processos sociais bastante contraditórios, redefinem um momento novo em que a *expertise* dos jornalistas vem sendo dia-a-dia questionada. Vivemos em uma conjuntura em que, com um celular de última geração nas mãos, um aplicativo e boa vontade, qualquer indivíduo torna-se um gerador de informação. A diluição das fronteiras entre consumidores/produtores de conteúdo jornalístico, experimento antevisto como fundamental para o futuro da comunicação por Enzensberger (2003), recoloca o debate sobre o papel do jornalismo em um momento de ampliação das possibilidades comunicativas advindas dos novos personagens que entraram em cena.

Contudo, a mercantilização desses processos, em uma esfera midiática reticular, não cessou de estruturar, com base no “valor de troca”, a produção dos conteúdos. A

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Jornalista, Mestre em Comunicação pela Unesp/Bauru e Doutor em Ciências Sociais pela Unesp/Araraquara. Atua no curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFAM/Parintins e é líder do Grupo de Estudos Sociais Interdisciplinares do Baixo Amazonas.



convergência midiática, o contexto de reestruturação produtiva no ramo do trabalho comunicativo e a vigorosa inserção das redes sociais nas populações do globo, colocam em cheque a profissão do repórter. Passaralhos³ constantes nas redações dos impressos, enxugamento do quadro de jornalistas nas mais diversas frentes, a precarização da profissão e o fortalecimento de “fazendas” de conteúdo barato, em que, independente de formação acadêmica, jovens elaboram incessantemente produtos de comunicação, dão a tônica da crise que afeta a imprensa em duas linhas: economicamente e na credibilidade das informações veiculadas por ela.

No entanto, a relevância do bom jornalismo, bem apurado, capaz de auxiliar a compreensão da realidade e desnudar o véu da reificação, que distorce os acontecimentos por interesses ideológicos, é maior do que nunca. A inovação dada pelo Wikileaks de Julian Assange demonstrou o quão fundamental é a investigação dos fatos que, longe de caberem na frequência incessante e efêmera das redes sociais, fazem parte da lógica de elementos subterrâneos desconhecidos pela população. A velocidade da internet, e a rapidez de produção exigida pelo novo modelo de negócios pleiteados, tende a esfacelar a perspectiva transformadora da notícia, entendida como arma indispensável dos homens, no sentido de construírem sua própria história.

Tentaremos compreender neste texto, com o resgate da Teoria do Jornalismo de Adelmo Genro Filho (2012), a essência do jornalismo, e como, mesmo em uma realidade que expressa a “explosão” midiática (RAMONET, 2012), essa prática necessita ser vista na perspectiva de uma forma social de conhecimento. O pré-requisito para sua concretização é o rigor intelectual, marca que as universidades tentam imprimir, só que raras vezes com sucesso.

Teorias do Jornalismo: arena da luta de classes

As clássicas perguntas que, segundo Traquina (2005), devem nortear os estudos do jornalismo (Como as notícias são como são? Quais os efeitos que essas notícias geram?) permanecem extremamente relevantes no cenário digital. Mesmo com o advento de uma perspectiva mais ampla da capacidade de informação, cuja circulação se potencializa cada dia mais, entendemos que a notícia é uma necessidade social imprescindível.

³ Demissões em massa.



Genro Filho (2012) ao inaugurar uma corrente crítica de interpretação da notícia, faz uma importante distinção entre imprensa e jornalismo. A primeira seria o corpo material, a processualidade técnica, o modelo industrial ao qual se assenta a prática da produção da notícia. O jornalismo, por conseguinte, embora surja nessa materialidade de produção, busca suprir as necessidades histórico-sociais de comunicação, gerando uma nova forma social de conhecimento que atende a demanda por “notícia”, experimento coletivo que sintetiza na reconstrução de fatos a possibilidade de conexão entre os indivíduos. Nesse sentido, é evidente a crise da imprensa no contexto das mudanças tecnológicas, mas, com a compreensão da relevância social da essencialidade do jornalismo, precisamos relativizar a ideia do fim dessa prática em função da ampliação da esfera digital.

O jornalismo como prática social de conhecimento demanda um sujeito coletivo que o produza no interior de uma perspectiva epistemológica mais ampla e aguçada, o que chamamos de rigor intelectual. Ora, sem mobilizar uma capacidade de compreensão capaz de conectar a singularidade dos fatos com a historicidade humana e suas contradições, vemos no campo jornalístico a vitória da reificação⁴ capitalista. Ou melhor, predomina nas relações comunicativas uma aparência pálida e mercantilizada de fatos que possuem uma processualidade dialética não percebida pelo mediador, o repórter.

Genro Filho (2012) realiza em sua obra uma profunda jornada teórica, invejável, visto que o estudo trata-se de uma dissertação, em que ele propõe uma crítica ontológica às principais referências de estudos do jornalismo. Filiando-se a um tipo de investigação de cariz ontológico, o autor demonstra a falência da perspectiva funcionalista da comunicação, pois ela, assim como parte da Teoria dos Sistemas, entrega-se a um modelo estático de sociedade, justificando a exploração de classe ao tentar aprimorar o sistema sociometabólico do capital⁵.

A visão funcionalista percebe que a sociedade capitalista tem necessidades difusas de um volume enorme de informações e que o jornalismo surgiu no bojo desse fenômeno. Mas o curto fôlego teórico

⁴ “É no modo de produção que universaliza a lógica mercantil – isto é, no modo de produção capitalista – que o fetichismo alcança a sua máxima gradação: nas sociedades em que esse modo de produção impera, *as relações sociais tomam a aparência de relações entre coisas*. Por isso mesmo, o fenômeno da reificação (em latim, *res = coisa*; reificação, pois, é sinônimo de *coisificação*) é peculiar às sociedades capitalistas; é mesmo possível afirmar que a reificação é a forma típica da alienação (mas não a única) engendrada no modo de produção capitalista. O fetichismo daquela mercadoria especial que é o *dinheiro*, nessas sociedades, é talvez a expressão mais flagrante de como as relações sociais são deslocadas pelo seu poder ilimitado” (NETTO e BRAZ, 2006, p. 93).

⁵ Definição de Mészáros (2007) para o sistema econômico capitalista.



de suas premissas não permite responder, exceto com meras constatações e obviedades, por que o jornalismo assumiu determinadas configurações específicas na organização das informações e na estrutura de sua linguagem. Não consegue, tampouco, equacionar a questão da luta de classes, da hegemonia ideológica das classes dominantes na produção jornalística e das contradições internas desse processo (GENRO FILHO, 2012, p.33).

Essa miopia da tradição científica gerada, no entroncamento principal, pela matriz positivista, é duramente criticada, principalmente por não perceber a contradição como elemento estruturante da totalidade. Mesmo quando Genro Filho (2012) percebe os méritos da Cibernética em olhar para além das partes, ele nos adverte a mirar a ausência de mediações e contradições nos complexos, sendo que, na dialética, toda a dinâmica dos processos sociais é gerada pelas conexões que, longe de estruturadas de forma linear, se enfrentam, gerando movimento no todo. Nesse sentido, a totalidade apresentada por Adelmo o faz situar o jornalismo como uma parte das relações universais, sendo impossível pensar nesse fenômeno isolado do contexto histórico e social, em que a economia política tem papel de destaque em sua materialidade. O autor enxerga no jornalismo um papel epistemológico no desnudamento do véu da reificação capitalista, contudo, ao caracterizar essa dimensão de maior relevo dessa práxis, Genro Filho (2012) conecta de forma ontológica o jornalismo na contradição capital/trabalho, plano estruturador da sociabilidade humana.

Todavia, a radicalidade com que critica as correntes funcionalistas, positivistas, estruturalistas e também das teorias do sistema e da informação, não se corporifica apenas no debate da noção de totalidade social. Há por trás das elucubrações de Genro Filho (2012) um humanismo crítico que não o permite fechar os olhos para as ditas correntes de “esquerda” que tentaram dar conta do jornalismo como objeto de estudo. É o caso da Escola de Frankfurt, que, pelas mãos de Adorno e Horkheimer situa a produção de notícia dentro da indústria cultural (extinguindo sua essencialidade enquanto forma social de conhecimento) e Habermas, cujos ensinamentos realizam uma apologia do jornalismo como uma linha direta de emissão de posições partidárias. Por outro lado, mesmo o populismo de críticos como Mattelart, é questionado ao ignorar as possibilidades emancipatórias dos meios de comunicação, algo que Adelmo reconhece ser debitário das visões de Enzensberger (2003) e Benjamin (1994).

Já os próprios jornalistas, ao quererem elevar o senso comum da profissão à categoria científica, caem no mesmo erro dos funcionalistas: reificam as técnicas e



defendem a ausência de ideologia na produção da notícia. Eles defendem um pragmatismo estéril e glorificam a objetividade pura dos fatos, argumento sustentado pela ilusória imparcialidade dos repórteres. Mesmo quando intuem ser a notícia uma forma de conhecimento social, são incapazes de verificar os condicionantes materiais da prática profissional e seu papel na luta de classes, já que, por optar pela defesa incondicional do sistema vigente, perdem a potencialidade de desmascaramento da ordem, algo possível, segundo Genro Filho (2012), no jornalismo crítico emancipatório.

A questão essencial é o domínio político dos meios de comunicação pelas organizações das massas revolucionárias, como condição para que a qualidade das informações produzidas pelos centros emissores, em termos políticos, ideológicos e culturais sejam coincidentes com determinadas metas históricas definidas coletivamente. Não se trata, neste caso, de objetivos específicos, táticos ou mesmo estratégicos – que podem constituir aspectos do problema –, mas de objetivos históricos, definidos em termos de possibilidades concretas e valores revolucionários e humanistas (GENRO FILHO, 2012, p. 90).

O papel socialista do jornalismo é proposto aqui dentro de um conjunto de mudanças estruturais, e da clarificação de um sujeito político coletivo capaz de gerar essas transformações. As potencialidades já inerentes na profissão seriam liberadas de suas amarras ideológicas e mercantis, em um sentido mais pleno. Contudo, Adelmo não se associa àqueles que padecem na inércia da espera da "grande noite" da revolução. No aqui e agora é possível um jornalismo diferente, com compromisso social e riqueza intelectual, capaz de, como conhecimento que pode auxiliar a maturação da classe oprimida, ser uma ferramenta - não mecânica, mas dialética - da luta insuperável em voga.

Singularidade

O segredo do jornalismo para Adelmo Genro Filho (2012), é que ele atua como uma forma social de conhecimento cristalizada no singular. Isso significa dizer que a imediatividade do real é um ponto de chegada do Jornalismo, e não de partida. Fundamentado teoricamente nas articulações filosóficas presentes na *Estética* de György Lukács (1982), Genro Filho aponta que o jornalismo, diferentemente da ciência e da arte, apresenta a realidade social pelo aspecto da singularidade. Ele considera o singular, o particular e o universal dimensões reais da objetividade, ou seja, formas de



existência da natureza e da sociedade que se relacionam de modo dialético. No universal estão contidos e dissolvidos os aspectos singulares e particulares. Já no singular, também podemos visualizar as dimensões particular e universal, isso porque entre fenômeno e essência há uma relação estreita de determinação recíproca. O particular é um ponto intermediário entre os outros dois, aparecendo como um aspecto mais dinâmico da realidade. Essas três categorias representam conexões lógicas fundamentais do pensamento, sendo a base das modalidades sociais de conhecimento.

Podemos exemplificar isso da seguinte forma: em cada homem singularmente considerado estão presentes aspectos universais do gênero humano que dão conta da sua identidade com todos os demais: na ideia universal de gênero humano, por outro lado, estão presentes – como se “dissolvidos” – todos os indivíduos singulares que o constituem; o particular, então, pode ser a família, um grupo, uma classe social ou a nação à qual o indivíduo pertença. O particular é mais amplo que o singular, mas não chega ao universal. Podemos dizer que ele mantém algo dos extremos, mas fica logicamente a meio caminho deles (GENRO FRILHO, 2012, p. 170-171)

Nas matérias jornalísticas estão presentes estas três dimensões pensadas anteriormente por Hegel. Contudo, o singular é que dá vida à notícia, sendo sua matéria-prima. O universal pressuposto, e não explicitado, está presente convergindo junto ao particular na cristalização das informações. O singular é a forma do jornalismo, é a estrutura interna por meio da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados, negados em sua autonomia e mantidos como horizonte da notícia.

O *lead*, parágrafo inicial do texto jornalístico, que nos manuais é visto como o núcleo de mais informação na matéria, aparece nesse autor como a síntese evocativa da singularidade. Contudo, Genro Filho (2012) alerta que do ponto de vista epistemológico, a “pirâmide invertida” (metáfora que ilustra a hierarquia de informações pelo seu grau de relevância) deve ser revertida, afinal, a notícia caminha do singular para o particular, ou seja, do cume para a base. Assim, ela representa o próprio processo de conhecimento, que vai da aparência superficial da chamada pseudo-concreticidade (KOSIK, 2002) rumo à essência dos fenômenos. O processo do conhecimento teórico, como indicou Marx, partiria da superficialidade para o pensamento abstrato, e desse para o concreto. O *lead*, dessa forma, funcionaria como o princípio organizador da singularidade.



Os critérios jornalísticos, para Genro Filho, apontam para a reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Esse aspecto pode contribuir para a compreensão da realidade de uma forma mais legítima. Embora o jornalismo seja um “filho” do capitalismo, o autor afirma que sua essência está além dessa forma de produção econômica. O jornalismo é a modalidade de informação que surge nos meios de comunicação para suprir as necessidades histórico-sociais que expressam uma ambivalência entre a particularidade dos interesses burgueses e a universalidade do corpo social em seu desenvolvimento histórico.

Para ele, a capacitação do repórter é essencial para atender os interesses populares no jornalismo. A assimilação das técnicas e das teorias são indispensáveis para formar um jornalista competente, mas também a ampliação de seu conhecimento sobre o mundo, ou seja, o amadurecimento filosófico e político desse agente. O momento artesanal de difusão de informações foi superado pelas técnicas industriais e são exatamente esses ganhos do Jornalismo burguês que devem ser mantidos em favor da emancipação humana.

Na perspectiva epistemológica e ontológica do jornalismo exposta por Genro Filho (2012), a comunicação surge como um aspecto da categoria marxiana do trabalho e expressa uma forma social de produção do conhecimento. A comunicação é um momento da *práxis* e está no cerne da prática coletiva de reprodução humana e histórica. “A consumação da liberdade humana exige o desenvolvimento da imprensa em geral, em especial o jornalismo” afirma o teórico em momento de lucidez (p.233). O conceito de *práxis* na dialética materialista apresenta a estreita relação entre subjetividade e objetividade. O homem torna-se humano ao modificar o ambiente em que vive. Por meio da atividade, o homem mescla teoria e prática, formulando ideias e testando-as por meio de sua objetivação.

Nossa abordagem postula a aplicação do método dialético materialista, tomada esta expressão não no sentido do "reducionismo economicista" ou do "naturalismo dialético" - o que conduz a um enfoque de matiz positivista - mas numa perspectiva marxista que toma as relações práticas de produção e reprodução da vida social como ponto nodal da autoprodução humana na história. Ou seja, trata-se de uma maneira de considerar a realidade histórico-social que compreende as determinações subjetivas como algo real e ativo, uma dimensão constituinte da sociedade, mas que só pode ser apanhada logicamente em sua dinâmica como momentos de uma totalidade que tem na objetivação seu eixo central (GENRO FILHO, 2012, p. 20-21).



Nesse ínterim, a práxis jornalística ganha uma nova dimensão, visto que se situa na jornada histórica dos homens, parte de suas lutas e de seus objetivos. Essa concretude do fenômeno jornalístico, cuja essencialidade passa pela articulação entre a singularidade e formas mais amplas de conhecimento social, promove uma mudança de compreensão a respeito do peso que a produção da notícia tem na sociabilidade contemporânea e, mais ainda, de seu papel político na constituição de sujeitos capazes de enredar os fatos cotidianos como parte ativa da realidade dinâmica em totalização. Essa conscientização do público permite a desconstrução da reificação, sendo assim motor de práticas emancipatórias.

Rigor intelectual

Ao considerarmos o jornalismo uma forma social de conhecimento, e não apenas um meio de divulgação de informações, torna-se necessário ampliar a exigência tanto sobre o conteúdo como quanto ao aperfeiçoamento constante de quem o produziu. A qualidade da informação gestada por essa forma social de conhecimento depende do rigor intelectual e do repertório constitutivo dos jornalistas. Nesse contexto, esses profissionais deixam de ser meros comunicadores e passam a ser criadores de conteúdos fundamentais à formação humana.

Um enfoque verdadeiramente dialético-materialista deve buscar a concreticidade histórica do jornalismo, captando, ao mesmo tempo, a especificidade e a generalidade do fenômeno. Deve estabelecer uma relação dialética entre o aspecto histórico transitório do fenômeno e sua dimensão histórico-ontológica. Quer dizer, entre o capitalismo (que gestou o jornalismo) e a totalidade humana em sua autoprodução. Dito de outro modo, o jornalismo não pode ser reduzido às condições de sua gênese histórica, nem à ideologia da classe que o trouxe à luz. Parafraseando Sartre: a notícia é uma mercadoria, mas não é uma mercadoria qualquer. O capitalismo não é um acidente no processo histórico, mas um momento da totalidade em seu devir. Suas determinações culturais (no sentido amplo do termo) envolvem uma dialética entre a particularidade dos interesses da classe dominante e a constituição da universalidade do gênero humano (GENRO FILHO, 2012, p.23).

A execução das potencialidades do jornalismo exige uma perspectiva revolucionária, pois, sem ela, a práxis social não se efetiva substantivamente. A capacidade crítica do jornalista é vital no sentido de permitir a conexão entre os fatos



singulares e seus condicionantes particulares e universais, mas essa habilidade só se aprimora com o amadurecimento da visão de mundo desse sujeito. A formação acadêmica pode ser vital nessa missão, pois promove um espaço de reflexão mais ampla sobre o mundo dos homens, principalmente em disciplinas que debatem não só as questões profissionais e da comunicação, mas também a conjuntura social e econômica.

O pensamento social, o aprimoramento da razão como ferramenta de investigação da realidade e também o debate sobre os limites da ética no sistema atual são indispensáveis ao agente social que se assume jornalista. Em um contexto em que as informações se avolumam, um mediador intelectualizado é vital. Assim como a figura do professor jamais se tornará obsoleta, o jornalista – munido de conhecimento técnico, capacidade crítica e rigor teórico – nunca foi tão necessário. Isso porque o caos informacional, ao invés de desfeticizar o mundo das mercadorias, o potencializa. Em um contexto de crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2007), em que a civilização enfrenta os limites absolutos desse modo de produção, a descentralização midiática liberta, contraditoriamente, o público da mídia massiva, mas não lhe oferece subsídios para desconstruir o véu da reificação imperante na cultura digital.

O jornalista deve ser um interventor nesse cenário. Capacitado, munido de uma ideologia emancipatória, ele pode desnudar a pseudo-concreticidade da aparência fenomênica do real, auxiliando, como parte do sujeito coletivo, a construção de novos parâmetros de compreensão social. Como forma social de conhecimento, o jornalismo é mecanismo indispensável à edificação de sociabilidades que rompam com a ordem e, nesse sentido, o rigor sobre o conteúdo e sua veracidade (vista enquanto concretude), torna-se uma baliza não só ética, mas também política dos novos tempos. A internet não é adversária desse papel do jornalismo, pois amplia esferas de alcance da noção de imprensa. Contudo, a intensificação da mercantilização e do vazio ideológico nessa esfera colocam-se como obstáculos do papel formador do jornalismo de qualidade.

O contexto de digitalização ampla da cultura midiática, na verdade, permite até certo ponto a ampliação das possibilidades do jornalismo visto que as amarras tradicionais da organização “empresa” de notícias sempre foram impedimentos para um jornalismo mais progressista. No Brasil, se avolumam exemplos de momentos em que a grande mídia e seus jornalistas estiveram na trincheira da burguesia, em que repórteres de claro esforço progressista limitavam suas possibilidades e contrariamente a uma forma social de conhecimento, produziam inconscientemente propaganda ideológica para seus patrões. Embora o contexto profissional e as formas de sustento financeiro dos



produtos na era digital tenham se reconfigurado, autores como Ramonet (2012) acreditam que o novo cenário, para os profissionais competentes, propicia novos empreendimentos jornalísticos. O foco deve ser na apuração bem realizada e na profundidade em relacionar as singularidades dos fatos com suas causas mais profundas.

A formação intelectual dos repórteres, dessa forma, é pré-condição da construção do jornalismo antevisto por Genro Filho (2012). A universidade, mas não somente ela, é espaço que pode potencializar esse tipo de educação, desde que assuma uma fisionomia socialmente referenciada, conteúdos progressistas e esteja atenta aos gritos das ruas.

Considerações Finais

A atualidade da Teoria Marxista do Jornalismo de Genro Filho (2012) está na forma como o autor percebe a produção noticiosa como parte imbricável da totalidade social. Visto como um fenômeno que nasce de novos imperativos gerados pelo sistema sociometabólico do capital, o jornalismo possui, para além das contingências, uma capacidade única de articular uma modalidade de conhecimento distinta das existentes. Focada na singularidade dos fenômenos sociais, a notícia, ponto de chegada do trabalho dos jornalistas, expressa um potencial desmistificador da pseudo-concreticidade.

Essa visão amplia tanto o valor de uso dos produtos jornalísticos, quanto exige do sujeito que o produz um grau maior de compromisso, responsabilidade e amadurecimento intelectual. Mesmo com o desgaste da profissão no contexto da digitalização geral da cultura midiática, percebemos, junto com Adelmo, que a mediação entre fatos e um público - que se interessa por conhecer um mundo para além do véu da reificação - permanece uma necessidade social das mais urgentes.

Esses mediadores sociais precisam ampliar os horizontes de suas visões de mundo, não apenas nos sentido militante, mas também na perspectiva de um rigor intelectual na leitura que eles devem fazer da realidade, seu material de trabalho. As universidades, muitas vezes preocupadas demasiadamente com tecnicidades e hegemonizada por irracionalismos cristalizados no momento de decadência ideológica em que vivemos, tem perdido uma rara oportunidade de ser a força irradiadora da ideia de aprimoramento da prática jornalística. A recuperação da compreensão crítica da profissão, vista pelo ângulo emancipatório, torna-se um primeiro passo para a afirmação



do jornalismo como modalidade de conhecimento fundamental para as lutas das gerações futuras. O legado de Genro Filho permanece mais vivo do que nunca.

Referencias Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica: arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad Editora, 2003.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LUKÁCS, Georgy. **Estética**. Barcelona: Grijalbo, 1982.

LUKÁCS, György. **Introdução a uma estética marxista**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1970.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder**. Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo: das mídias de massas à massa de mídias**. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume I: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.